# A ESTRUTURA URBANA NO OESTE DO PARANÁ: A INFLUÊNCIA DA CIDADE DE CASCAVEL NO SEU ENTORNO

The urban structure in the West of the Paraná State: the polarization of the Cascavel city in its influence area

Iandra de Souza MALDANER<sup>1</sup>

Jandir Ferrera de LIMA<sup>2</sup>

Silvia Cristina Bender GRECO<sup>3</sup>

#### **RESUMO**

De acordo com Milton Santos, o espaço se estrutura pela presença de capital e recebe sua influência em todos os setores. O capital influi na centralidade das cidades, com a presença de bens e serviços especializados gerando um poder de atração nos espaços geográficos ao seu redor. Esse poder de atratividade, exercido por alguns centros, é analisado através da centralidade exercida pela cidade de Cascavel – PR e a disponibilidade e variedade de seus serviços, que polariza as demais cidades da região, como Toledo, Assis Chateaubriand, Marechal Cândido Rondon, Foz do Iguaçu, Medianeira e Guaraniaçu.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento urbano; economia urbana; geoeconomia.

#### **ABSTRACT**

According to Milton Santos, the capital's surrounding areas receives its influence from all sectors. The capitals are influential on the polarization of cities, with the presence of specialized goods and services, generating an attraction power in the near by geographic areas. This power of attractiveness exerted from some centers is analyzed through the polarization exerted from Cascavel, in the Parana State, and the availability and variety of its services that polarize too many cities of the region, like Toledo, Assis Chateaubriand, Marshal Cândido Rondon, Foz do Iguaçu, Medianeira and Guaraniaçu.

**Key words:** Urban development; urban economy; economic geography.

<sup>1</sup> Economista e mestra em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus Toledo. Bolsista CAPES. E-mail: iandra\_maldaner@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Economista e Ph.D. em Desenvolvimento Regional pela Université du Québec à Chicoutimi (UQAC). Professor adjunto do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Pesquisador do Grupo de Pesquisas em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (GEPEC)/UNIOESTE. Email: jandir@unioeste.br ou jandirbr@yahoo.ca.

<sup>3</sup> Economista e mestranda em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus Toledo. E-mail: silbengre@ibest.com.br.

# INTRODUÇÃO

Milton Santos (2003) analisa o espaço como uma produção social. Ele enfatiza os conflitos que se estruturam e as lutas de classe travadas pela conquista do espaço, bem como a relação entre Estado e capital em suas relações no espaço urbano e regional. Para ele, é possível explicar o desenvolvimento regional e urbano através de uma perspectiva histórica global, onde os meios de produção estão concentrados nas mãos de um segmento pequeno da população e o trabalho é realizado por um conjunto de trabalhadores formalmente livres, que vendem sua força de trabalho no mercado. Nessa perspectiva, num contexto histórico, a passagem do feudalismo para o capitalismo acarretou mudanças das forças produtivas e dos meios de produção, com divisão social e geográfica do trabalho. Com o desmembramento das relações feudais de produção, as relações pessoais de dominação tendem a desaparecer e dar lugar às relações de dominação do capital. Nessas relações a força de trabalho tornou-se uma mercadoria que necessita de constante readaptação populacional. de acordo com seu estágio de desenvolvimento e de implementação de tecnologias.

O desenvolvimento das relações capitalistas provocou deslocamentos espaciais da força de trabalho. O indivíduo que migra pode ou não perder o vínculo com o local de origem, porém estabelece um constante processo de adaptação e conquista do novo espaço ocupado. Deixando de ser um homem "local" para ser um homem "mundial". Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, o espaço tornou-se mundial e o capital torna-se a ligação entre o homem destituído e um espaço alienado (SANTOS, 2003).

Da mesma forma a diferenciação do espaço agrícola, com exploração dos recursos naturais e as técnicas inventadas pelos homens, têm uma explicação histórica. Conforme as culturas agrícolas foram sendo implantadas em diferentes espaços, os movimentos de capitais e de homens que acompanhavam a instalação da nova atividade, desencadeavam uma série de outros movimentos resultantes em uma redistribuição da população e dos capitais sobre espaços mais amplos. Por isso, certas regiões tornam-se responsáveis pela produção e outras pelo fornecimento de mão-de-obra. Nesse sentido, Santos (2003) apresenta o espaço como produto do homem, da sua intervenção na natureza e a intermediação da técnica, ou seja, a história do homem sobre a terra é a história de uma ruptura progressiva entre o homem e o entorno, com o intuito de acumular capital.

Com isso, áreas de maior desenvolvimento ou de acumulação de capital diferenciam-se de áreas estagnadas, de menor acumulação de capital. Essa diferenciação marca o crescimento desigual dos centros urbanos. Esses centros podem apresentar-se como atrativos aos excedentes engendrados no conjunto do território, sendo considerados como articuladores da estrutura urbana no espaço. Desse modo, o capital é investido aonde se encontram os mecanismos mais eficazes para a multiplicação do excedente, ou seja, o valor do capital é função de sua localização e esse recebe influências do capital. E o homem, assim como o espaço, tem acesso distinto ao capital. Santos (2003) descreve as relações provocadas pela dominação do capital ao homem e ao espaço, essa relação de dependência econômica será a base dessa crítica, relatando ao decorrer do trabalho fatores diferentes capazes de gerar dominação espacial e consequentemente no indivíduo que o habita.

Portanto, para Santos (2003), seria impossível, e até mesmo inconcebível, imaginar um espaço organizado sem o domínio do capital e sem influências da satisfação das necessidades da população. Entretanto, suas idéias são contrapostas por alguns autores. Dentre eles, pode-se citar: Von Thünen, que nos apresenta a organização do espaço como consegüência da produção de bens fundiários e de sua distância em relação aos mercados consumidores; Weber, que afirma que a organização do espaço e a implantação de empresas industriais dependem do custo da mão-de-obra e do transporte (distância) até o centro de atração; Christäller, que afirma que as cidades seriam conseqüências de um fenômeno cultural e social, não podendo ser explicado por fatores econômicos; e Lösch, que confere às cidades uma concorrência entre si, vencida pela cidade dominante que gera uma distribuição irregular de funções entre as mesmas. Por isso esse artigo analisa a contribuição desses autores contrapondo-se à análise da estrutura do espaço urbano proposta por Santos (2003).

# A ESTRUTURA DO ESPAÇO URBANO: A CONTRIBUIÇÃO DE VON THÜNEN, WEBER, CHRISTÄLLER E LÖSCH

O reconhecimento da influência do espaço na economia ocorreu apenas no final do século XIX. No entanto, os avanços das pesquisas sobre essa influência aconteceram no século XX, pela ênfase nas buscas por respostas às assimetrias espaciais, às desigualdades regionais e na explicação da organização do espaço. Até então a produção econômica era considera puntiforme,

ou seja, dava-se apenas em um único lugar. Porém, o avanço da teoria econômica e os trabalhos pioneiros de Alfred Marshall contribuíram para que surgissem teorias da localização, explicando as formas de organização espacial em função das atividades (FERRERA DE LIMA, 2003). Entre essas teorias, serão expostas as idéias de Von Thünen, sobre a organização do espaço agrícola; de Weber, sobre a localização da indústria; de Christäller e Lösch, sobre a centralidade.

## O MODELO DE VON THÜNEN

Johann Heinrich Von Thünen (1783-1850), é considerado fundador da análise econômica espacial, através de seus estudos sobre a formação e estruturação do espaço agrícola. Para Thünen, as variações na renda dos bens fundiários e a distância dos mercados (cidades) permitem interpretar a organização do espaço agrícola. O autor leva em consideração os custos de transporte do produto e a distância do centro consumidor (cidade). O espaço é representado por círculos concêntricos, em que cada coroa circular é um tipo de cultura (figura 1). O modelo representa um conjunto

equilibrado, as necessidades da cidade são satisfeitas pelos excedentes das diversas coroas (ROCHA, 1999). Diferente de Thünen, para Santos (2003), os espaços agrícolas seriam valorizados pela exploração econômica do excedente nele produzido, propiciando retorno em aplicação de capital.

Assim, para Von Thünen renda é uma função do fator distância. O único fator que diferenciaria as condições de produção em duas áreas de terra idênticas em fertilidade e produção é o custo de transporte até a cidade, que será mais elevado quanto maior for a distância. Quanto mais próximo do mercado, maior será o lucro obtido pelo produtor, ou seja, a organização das culturas se fará em círculos concêntricos em torno da cidade, segundo o impacto da distância na sua formação de preços. Quanto maior a importância e fragilidade da cultura, ela ficará mais próxima à cidade, minimizando os custos de transporte (comercialização) e otimizando os lucros (figura 1). Ao contrário, para Santos (2003, p.141) as culturas são introduzidas no espaço que justifique a aplicação do capital, pela obtenção de lucro. "... uma nova atividade só chega a ser introduzida se conta com um mercado e se presume que ela ofereça taxas de lucros elevados para o capital empregado".

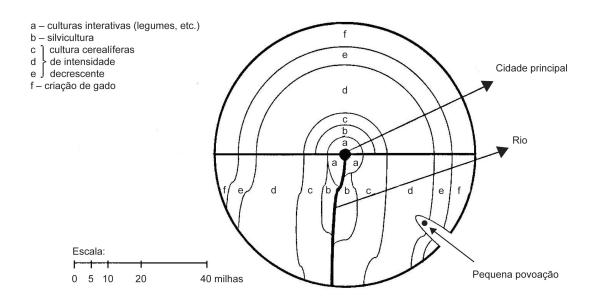


FIGURA 1 – ILUSTRAÇÃO DO MODELO DE THÜNEN

# O MODELO DE ALFRED WEBER

A abordagem de Weber sobre a localização trabalha na idéia de minimização dos custos. O autor parte da existência de três fatores que determinam a localização da indústria: o custo de transporte, os custos da mãode-obra e as vantagens associadas à aglomeração. (FERRERA DE LIMA, 2004)

Weber observou fatores de despesa com o uso do índice de custos de mão-de-obra. Esse índice é a relação desse custo com o peso do produto, permitindo obter um indicador da unidade monetária de salário por unidade de peso do produto. O transporte do produto final e da matéria-prima está ligado ao conceito de **Índice Material**, representado pelo quociente entre peso da matéria-prima localizada e o peso do produto. O autor

utiliza também o peso locacional, que relaciona o peso total a ser transportado. Já o fator aglomerativo indica o ganho para a firma em termos de redução de custos, dado sua localização próxima a outras firmas da mesma indústria. O fator desaglomerativo, mostra a redução de despesas obtida por uma determinada firma, em função da distância das outras firmas da mesma indústria já estabelecida (CRUZ, 2000). A figura 2 sintetiza essa idéia ao apresentar a relação entre a localização das empresas, baseando-se em fatores como transporte e mão-de-obra. A relação do custo mínimo de transporte com o local do custo mínimo de mão-de-obra pode ser facilmente visualizada a partir da delimitação das *iso-dapanas*, que são curvas que apresentam os mesmos níveis de custos em transporte para as indústrias.

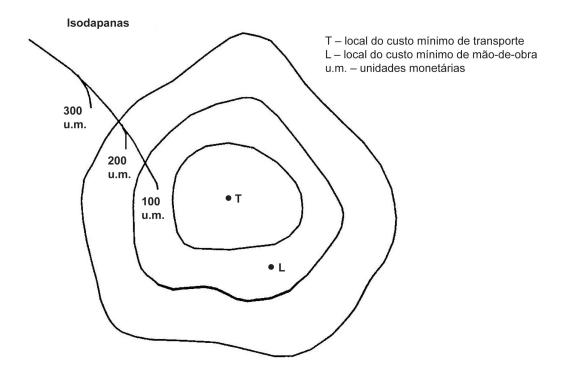


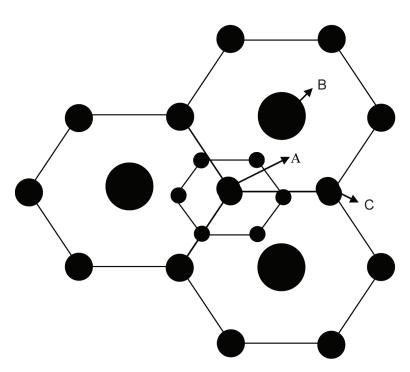
FIGURA 2 – A LOCALIZAÇÃO DAS EMPRESAS EM FUNÇÃO DOS CUSTOS DE TRANSPORTE E DE MÃO-DE-OBRA

Pela figura 2 nota-se que Weber ilustra a relevância da localização da mão-de-obra na decisão de localização da empresa. Os empresários podem confrontar-se com a necessidade de recorrer a uma zona de emprego distinta da fonte de matérias-primas e do mercado consumidor, se os custos de trabalho são um componente relevante nos custos de produção. Contudo, para Santos (2003), quando há a especialização de uma determinada região em um produto, ocorre a massificação do capital, gerando aumento nas taxas de lucro e a redução no valor do trabalho. Assim, os indivíduos deslocam-se no espaço em busca de colocação profissional e não o espaço que se disponibilizaria em função da existência de profissionais, ou seja, da mão-de-obra.

#### A TEORIA DOS LUGARES CENTRAIS

Na teoria dos lugares centrais, criada por Walter Christäller, a cidade é tida como um fenômeno social e cultural, não apenas como uma entidade econômica. Além disso, os produtores e os consumidores são avessos a percorrerem distâncias, pois implica em

custos e dispêndio de tempo. Assim, os produtores e os consumidores sabem onde devem se localizar no espaço, minimizando o esforço de percorrer distâncias e maximizando sua satisfação pessoal (ALVES, 2002). Por isso, o espaço é organizado através do desenvolvimento de centros urbanos funcionais em termos de servicos. Os centros urbanos podem se encontrar mais ou menos dispersos, de modo a dar idêntica acessibilidade aos agentes situados em cada um dos pontos do espaço. A figura 3 ilustra as idéias de Christäller sobre a organização do espaço urbano-regional. Considerando a distância a percorrer para o consumo de um bem ou servico, o consumidor preferirá o centro de nível superior ao centro de nível inferior, porque a área de influência do primeiro contém certo nível de áreas de influência de centros de nível inferior, o que lhe permitirá com menor esforço adquirir os bens e serviços desejados. Conforme a figura 3, as cidades de uma rede urbana são agrupadas em categorias específicas, conforme sua centralidade. A centralidade de uma cidade é a função de sua capacidade em ofertar bens e serviços para outros centros, estabelecendo deste modo uma área de influência.



B – centros de nível médio C – centros de nível inferior

A - centros de nível superior

FIGURA 3 – CENTROS DE NÍVEL SUPERIOR, MÉDIO E INFERIOR

No Brasil, foi elaborada pelo IBGE (1987) uma hierarquização urbana inspirada nos estudos de Christäller. Na hierarquização do IBGE (1987), a classificação vai do centro de zona (situado um nível acima do simples centro local, quase sem centralidade), passando pelo centro sub-regional, pela capital regional e pelo centro sub-metropolitano, até chegar à metrópole regional e, finalmente, à metrópole nacional.

Pela maior distância que a população dispersa se dispõe a percorrer objetivando adquirir um bem ou utilizar um serviço, Christäller apresenta sua interpretação da forma de organização entre as cidades, uma vez que quanto maiores o limiar e o alcance de um bem ou serviço menor será o número de cidades aptas a oferecê-lo. A produção de bens e serviços nas cidades resultaria de uma escala de produção. Essa escala alcança sempre um "ótimo", apesar da demanda estar dividida num espaço homogêneo (SOUZA, 2003). Assim, ao aplicar suas idéias no espaço alemão, Chris-

täller conclui que haveria uma tendência à formação de arranjos hexagonais para a distribuição das cidades numa determinada região (figura 3).

Nesse sentido, por razões de mercado, os produtores tendem a localizar os seus estabelecimentos em determinados lugares (lugares centrais), onde também vive a maior parte dos consumidores dos seus bens e serviços. O restante dos consumidores são os que têm acesso a esses lugares, embora aí não residam, e que vivem no entorno do lugar central. Como a produção dos bens e serviços é feita em lugares centrais, a importância destes tende a ser maior quanto maior for a importância dos bens e serviços por ele fornecidos. Sendo considerado um lugar central de ordem superior àquele que fornece não apenas os bens e serviços preferidos dentro da ordem determinada pelos consumidores, como todos os bens e serviços que são fornecidos por todos os centros de ordem inferior (figura 04).

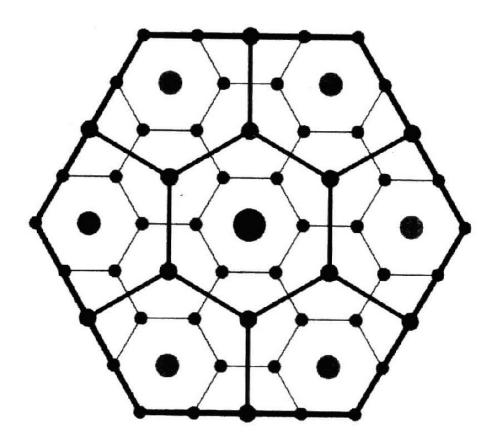


FIGURA 4 - CONFIGURAÇÃO HEXAGONAL

A divergência entre o modelo dos centros de níveis superior, inferior e médio e a configuração hexagonal demonstra que, no caso da existência de centros especializados, tanto produtores quanto consumidores devem percorrer distâncias superiores pela concentração de atividades em centros de níveis superiores. Na configuração hexagonal, todos os centros apresentam os mesmos níveis tecnológicos, produzindo e consumindo produtos diferenciados, assim os consumidores tendem a se localizar mais próximos dos centros que produzem bens e serviços de acordo com sua necessidade e preferência. A importância ou o tamanho do centro depende do que o centro tem a oferecer aos consumidores. A complexidade dos hexágonos torna-se maior conforme a complexidade tecnológica dos bens e serviços prestados. Quando não existem bens e serviços tecnologicamente mais elaborados, está-se diante de um centro menos qualificado (ALVES, 2002).

Na teoria de Christäller, os lugares centrais que ocupem uma mesma posição na hierarquia fornecem aos consumidores os mesmos bens. Estes lugares possuem populações equivalentes, pois viabilizam a escala de produção de cada um dos bens e serviços que são fornecidos; os consumidores recorrem aos lugares centrais de ordem superior, quando há necessidade de bens e serviços de consumo menos freqüente. A ordem na escala hierárquica do lugar será tanto maior quanto me-

nor for a freqüência do consumo dos bens e serviços que os consumidores procuram. Ao deslocarem-se a esses centros de ordem superior, os consumidores aproveitam para também adquirirem os bens de ordem inferior, com vista a minimizar o esforço do deslocamento.

#### **TEORIA DE LÖSCH**

O modelo de August Lösch utiliza os fatores comerciais e de transporte como referência para a análise. Seu modelo de organização espacial implica na concorrência entre as cidades, para suprir produtos na maior área possível. A cidade dominante ou central tende a "dominar" um número de centros variáveis, ou seja, há uma distribuição irregular das funções de cada cidade no espaço, ditada pelas economias de escala e pelos custos de transporte dos diversos bens (RICHARDSON, 1975).

O modelo de Lösch é ilustrado na figura 5. Pela rotação do eixo das ordenadas da curva de procura, obtém-se o cone de procura, que determina a área de mercado e a receita de um produtor. Na medida em que entram novos produtores, a estrutura de mercado se aproxima de uma situação de concorrência perfeita, então o mercado circular comprime-se até formar um hexágono, ou melhor, uma rede de hexágonos tendo por centro os produtores (RIBEIRO e SANTOS, 2002).

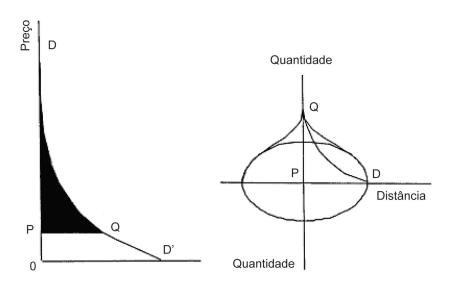


FIGURA 5 - CURVA E CONE DA PROCURA DE LÖSCH

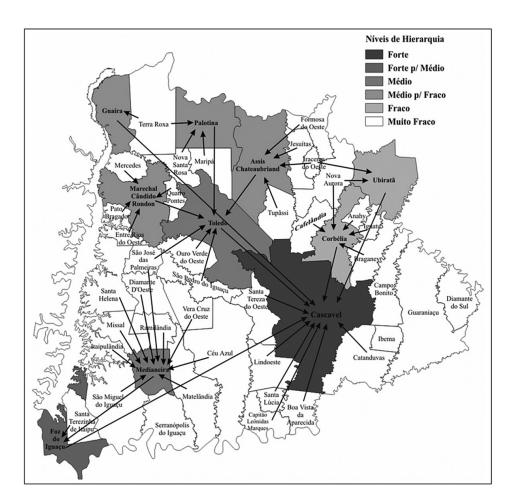
A tendência dos centros é a busca pela dominação de uma área maior de suprimento de produtos, assim o cone de procura pode determinar tanto o tamanho ou a área de um mercado quanto a receita de um produtor, atrelada a esse tamanho.

## A ESTRUTURA DO ESPAÇO URBANO NO OESTE DO PARANÁ

A partir da revisão de literatura sobre a organização do espaço de Santos e dos principais teóricos da análise espacial, apresentados na seção precedente, será possível analisar a organização do Oeste paranaense.

Segundo Christäller os lugares adquirem maior ou menor nível de centralidade em decorrência das funções que realizam. Assim, um espaço é considerado central pela capacidade de distribuição de bens e serviços para a população residente em sua região de influência (MOURA, 2004). Deste modo, tal teoria servirá como base referencial as questões empíricas colocadas, pois melhor se adapta a realidade observada no Oeste do Paraná.

Considerando a hierarquia definida por estudo do IBGE (2000), os estudos de Moura (2004) organiza oito classes de centros medidos pelo desempenho de funções urbanas para o Paraná. No ano 1990, Curitiba era destaque como nível "máximo" de centralidade no conjunto de cidades paranaenses. Por isso, Curitiba é considerada o principal pólo de irradiação de uma ampla gama de serviços que atendem a um amplo conjunto de municípios. Em segundo plano apresentavam-se as cidades de Londrina e Maringá, com níveis "muito fortes" de centralidade, seguida por Ponta Grossa e Cascavel, com níveis "fortes" de centralidade.



MAPA 1 – NÍVEIS DE CENTRALIDADE NO OESTE DO PARANÁ

FONTE: IPEA (2000)

No caso específico do Oeste paranaense, de acordo com as informações apresentadas no mapa 1 e os estudos de Ferrera de Lima e Alves (2006) e Pelinski et all (2006), a centralidade da cidade de Cascavel na área do agronegócio é significativa porque além de plantas agroindustriais, a cidade possui um estrutura de comercialização e o desenvolvimento de uma oferta de serviços cada vez mais especializados nesta área. O comércio varejista é diversificado e atende praticamente toda a demanda regional, sem necessidade do suporte de centros maiores. O comércio atacadista também atende às necessidades de grande parte do comércio varejista regional, além de outras regiões do Brasil. O setor de serviços é um dos mais diversificados e especializados da região, englobando os serviços de atendimento a saúde, educação, consultoria empresarial, serviços financeiros e a presença de órgãos da administração pública estadual e federal.

Os municípios do entorno de 1 = Cascavel que sofrem o processo de sua centralização são classificados aqui como: 2 = Toledo, 3 = Assis Chateaubriand,

4 = Marechal Cândido Rondon, 5 = Foz do Iguaçu, 6 = Medianeira, 7 = Guaraniaçu, apresentados pela importância econômica, mas não limitando neles o poder de centralidade de Cascavel.

Além disso, pode-se exemplificar uma forma de estrutura do espaço urbano pela centralidade de Cascavel exercida em seu entorno geográfico pelos serviços de saúde. A delimitação geográfica para abrangência de Cascavel implica em espaços identificados pelo centro, juntamente com fatores ligados à rede de comunicação com elementos de articulação regional, formando assim, uma característica regional de dominação pelo centro (MUNIZ FILHO, 1996). A infra-estrutura de saúde da região constitui-se numa complexa rede de hospitais e clínicas nas mais diversas especialidades. Porém, a concentração destes serviços em Cascavel será apresentada a seguir.

A tabela 1 apresenta o número e a descrição dos serviços oferecidos pelos estabelecimentos que prestam serviços de saúde nas principais cidades da região.

						~	_
	CASCAVEL	TOLEDO	ASSIS CHAT.	M.C.R.	FOZ DO IGUAÇU	MEDIANEIRA	GUARANIAÇU
Total de Estabelecimentos	81	38	19	23	65	19	12
Públicos	29	19	8	11	24	10	8
Privados	52	19	11	12	41	9	4
Com internação	12	4	3	4	6	4	3
Com internação públicos	1	0	0	0	0	0	0
Com internação privados	11	4	3	4	6	4	3
Sem internação	48	25	9	14	38	12	9
Sem internação públicos	27	19	8	11	24	10	8
Sem internação privados	21	6	1	3	14	2	1
Apoio à diagnose e terapia	21	9	7	5	21	3	0
Apoio à diagnose e terap. públ.	1	0	0	0	0	0	0
Apoio à diagnose e terap. priv.	20	9	7	5	21	3	0
Com plano de saúde próprio	1	2	0	3	4	1	0
Com plano de saúde de 3os	47	15	11	11	36	8	4
Atendimento particular	50	18	11	11	40	9	4
Atendimento ao SUS	50	25	18	17	36	17	12

TABELA 1 – DESCRIÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS DE SERVIÇOS DE SAÚDE

FONTE: IBGE, Assistência Médica Sanitária, 2002.

Na tabela 01, observa-se que Cascavel (1) possui a maior quantidade de estabelecimentos de consulta a saúde, tanto público como privado, somando 81, sendo 1 estabelecimento de consulta para cada 3.215 habitantes aproximadamente, o segundo colocado que é Foz do Iguaçu (5) com 65 estabelecimentos de consulta, tem 1 para 4.280 habitantes aproximados, dentre as quais a maioria são instituições privadas, restringindo assim, o acesso à população local pelo preço praticado. Já a

terceira cidade com maior número de estabelecimentos de consulta a saúde é Toledo (2) com 38 estabelecimentos. Apenas Cascavel possui hospital público para internação e terapia e 50 estabelecimentos que atendem o Sistema Único de Saúde (SUS) igualando a também 50 estabelecimentos que atendem ao sistema privado, Foz do Iguaçu possui 36 estabelecimentos que atendem ao SUS, já em Toledo esse número cai para 25.

	CASCAVEL	TOLEDO	ASSIS CHAT.	M.C.R.	FOZ DO IGUAÇU	MEDIANEIRA	GUARANIAÇU
Valor adicionado da agropecuária	221.276	342.871	126.032	109.875	18.371	56.395	72.417
Valor adicionado da indústria	524.098	459.573	20.282	129.618	2.732,825	115.170	6.881
Valor adicionado dos serviços	926.880	354.566	115.993	172.134	770.435	136.509	34.872
Valor adicionado total	16.722,54	11.570,10	262.307	411.627	3.521.630	308.075	114.170
Dummy Financeiro	95.841	25.494	10.969	17.344	39.773	12.687	2.709
Impostos	108.851	73.842	20.049	24.228	266.768	15.914	7.925
PIB a preço de mercado corrente	1.685.264	1.205,36	271.386	418.511	3.748.625	311.301	119.386
População	260.398	101.629	31.475	42.700	278.175	38.840	15.968
PIB per capita	6.472	11.860	8.622	9.801	13.476	8.015	7.477

TABELA 2 – RELAÇÃO DE VALORES DO PIB (R\$1.000,00) ENTRE 1999 E 2000 DAS CIDADES DE CASCAVEL, TOLEDO, ASSIS CHATEAUBRIAND, MARECHAL CÂNDIDO RONDON, FOZ DO IGUAÇU, MEDIANEIRA E GUARANIAÇU

FONTE: IBGE, Produto Interno Bruto dos Municípios 1999 -

Pela tabela 02, é possível observar que o setor agropecuário é mais significativo em Toledo (2) com valor adicionado de R\$ 342.871.000,00, seguido por Cascavel (1) R\$ 221.276.000,00. Já a Indústria se destaca em Foz do Iguaçu (5), com R\$ 2.732.825.000,00 seguido por Cascavel (1) R\$ 524.098.000,00. O setor Serviços é mais significativo em Cascavel (1) com R\$ 16.722.540,00, seguido de Toledo (2) R\$ 11.570.100,00. Contabilizando para Cascavel o valor adicionado total mais elevado comparando aos outros municípios da análise. No entanto, a maior arrecadação tributária é de Foz do Iguaçu com R\$ 266.768.000,00, bem como o PIB a preço de mercado corrente R\$ 3.748.625,00 e também Foz do Iguaçu é a cidade mais populosa com 278.175 mil habitantes, seguido de Cascavel com 260.398 mil habitantes e menor PIB per capita. O ranking de PIB per capita fica com Foz do Iguaçu R\$ 13.476.000,00, Toledo com R\$ 11.860.000,00, Marechal Cândido Rondon com R\$ 9.801.000.00. Assis Chateaubriand com R\$ 8.622.000,00, Medianeira com R\$ 8.015.000,00, Guaraniaçu com R\$ 7.477.000,00 e finalmente Cascavel com R\$ 6.472.000,00 por pessoa.

A cidade de Cascavel apresenta PIB per capita com valores inferiores a outras cidades. Entretanto, apresenta-se como um centro de atração pela especialização e concentração de alguns serviços e não pela superioridade do capital existente na cidade como apresentado por Milton Santos.

Diante dos dados apresentados pode-se confirmar a atração que alguns centros geram sobre outros, Cascavel destaca-se como um pólo de atração quanto a prestação de serviços, em especial na área de saúde.

# **CONCLUSÃO**

De acordo com Milton Santos o espaço é constituído pelo capital e permanece sob sua influência em todos os setores. Assim, algumas cidades se especializam em determinados serviços tornando-se pólos de atração para outras cidades localizadas em seu entorno. Entretanto, para outros autores como Von Thünen, Weber, Christäller e Lösch, os espaços podem se desenvolver de maneiras distintas.

Pode-se observar que quando uma cidade apresenta um grau de especialização em um determinado setor, esta pode se tornar um referencial às cidades que estão em seu entorno independendo do quão desenvolvida nos outros setores. No caso da cidade de Cascavel, que se especializou nos serviços da área de saúde, transformando-se em um centro de referência para toda a região. Essa estrutura foi construída ao longo da ocupação e conquista do espaço que marca o Oeste paranaense. Da mesma forma, marca a ação do capital na construção da rede urbana e a influência da estrutura produtiva regional na localização dos núcleos urbanos.

Entretanto, o processo de produção capitalista não foi positivo em todo o conjunto da região Oeste do Paraná, deixando alguns municípios na posição de periferia regional e intensificando outros na posição central e polarizante. Da mesma forma, o processo de reestruturação econômica regional reforçou a posição de destaque do município pólo.

A nova divisão internacional do trabalho consolida os centros dominantes e uma periferia dominada exportadora de bens primários e agrícolas. Nas cidades de menor porte os bens e serviços disponíveis são simples (tais como alimentação, vestuário, etc.) e servem uma população restrita. Ao contrário, nas cidades maiores, os bens e serviços mais sofisticados (ensino superior, comércio de luxo, etc.) com uma vasta área de influência. No processo de desenvolvimento da região Oeste

do Paraná a situação é muito semelhante, os municípios de Foz do Iguaçu, Cascavel e Toledo são os maiores da região e mais diversificados disponibilizando bens e serviços não encontrados nos demais municípios da região.

Deve-se salientar que a estrutura urbana e a rede de influência da cidade de Cascavel marcam particularidades no espaço econômico da região Oeste do Paraná. O certo é que existem muitos tipos de região dentro do território Oeste do Paraná. Nesse caso, há o território dos municípios pólos (Cascavel, Foz do Iguaçu, Toledo, Medianeira), dos municípios do turismo (municípios lindeiros), e dos municípios agrícolas (a periferia regional que apenas fornece insumos para os municípios pólos), necessitando de estudos específicos sobre a dinâmica no interior desses espacos.

Portanto, dentre as alternativas para que o desenvolvimento urbano possa ser realizado, minimizando a periferização e dependência de alguns municípios, deve-se impulsionar o desenvolvimento com base nas aptidões locais, integrando e estimulando a ampliação do capital social no processo de urbanização. Além disso, maiores investimentos em infra-estrutura nos municípios periféricos devem ser continuamente efetivados. Planejar o desenvolvimento urbano pautado nesse critério torna-se um desafio para o novo Plano de Desenvolvimento Regional que começa a ser discutido pela Associação dos Municípios do Oeste do Paraná (AMOP).

### **REFERÊNCIAS**

ALVES, M. B. A formação dos sistemas urbanos. *In:* COSTA, J. S. (Coord.). *Compêndio de economia regional.* Coimbra: Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional, 2002

COSTA, J. S. (Coord.). *Compêndio de economia regional.* Coimbra: Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional, 2002.

CRUZ, A. *Abordagem geral* à análise regional e locacional. 2000. Disponível em: <a href="http://www.facceba.com.br/dowload/regional-arival-1.doc">http://www.facceba.com.br/dowload/regional-arival-1.doc</a>> Acesso em: 2/6/2005.

LIMA, J. F. A concepção do espaço econômico polarizado. Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local, Campo Grande, v. 4, n. 7, p. 7-14, 2003.

LIMA, J. F. La diffusion spatiale du développement économique régional: l'analyse des composantes et de la forme de la diffusion spatiale au Sud du Brésil au XX<sup>e</sup> siècle. Thèse (Doctorat en Développement Régional) – DSH/Université du Québec à Chicoutimi, Saguenay, 2004. Disponível em: <www.unioeste.br/mdra>. Acesso em: 30/6/2005.

LIMA, J. F.; ALVES, L. (Coord.). Análise do impacto do reservatório da hidrelétrica de Itaipu no crescimento econômico regional. Toledo: UNIOESTE/Campus de Toledo/CCSA/Curso de Ciências Econômicas. Maio 2005 a dez. 2006. 135 p. (UNIOESTE/Campus de Toledo/Fundação Araucária – Projeto 3706.). Projeto concluído.

MOURA, R. Paraná: meio século de urbanização. *RA'E GA*, Curitiba, Ed. UFPR, n. 8, p. 33-44, 2004.

MUNIZ FILHO, C. A divisão regional do Paraná. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, n. 87, p. 149-173, jan./abr. 1996.

PELINSKI, A.; LIMA, J. F.; STADUTO, J. A. R. As atividades produtivas nas microrregiões paranaenses: especialização, reestruturação e perfil locacional. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS REGIONAIS E URBANOS, 4., Foz do Iguaçu, 2006 *Anais...* Foz do Iguaçu: ABER, out. 2006.

RIBEIRO, J. C., SANTOS, J. F. A localização da indústria. *In:* COSTA, J. S. (Coord.). *Compêndio de economia regional.* Coimbra: Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional, 2002.

RICHARDSON, H. W. *Economia regional:* teoria da localização, estrutura urbana e crescimento regional. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

ROCHA, M. M. Mobilidade forçada: a economia política dos deslocamentos humanos. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 21, n. 1, 1999.

SANTOS, M. *O espaço do cidadão*. 5. ed. São Paulo: Nobel, 2000. (Coleção Espaço).

SANTOS, M. *Economia espacial:* críticas e alternativas. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003. (Coleção Milton Santos; 3).

SOUZA, M. L. *ABC do desenvolvimento urbano*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.